
Uma Guerra que os Vermelhos NÃO Poderão Ganhar

Adaptado de "RELIGION CAN CONQUER COMMUNISM"

O. K. ARMSTRONG

Apesar da constante perseguição, a religião se torna de ano para ano uma força mais importante nos países comunistas

EM PRINCÍPIOS de 1962, as autoridades de Vladivostok, na Sibéria, deram ordem à congregação batista da cidade de evacuar sua casa de oração. "Esta igreja já não é mais necessária na nossa comunidade", disseram as autoridades comunistas. Recomendaram aos fiéis que se dispersassem e tratassem de ensinar aos filhos ciência em vez de "superstições religiosas". Mas os batistas tinham licença para utilizar no seu culto o terreno e o pequeno prédio branco e se negaram a ceder.

Então numa segunda-feira pela manhã apareceu ali um grupo de trabalhadores com caminhões e um trator. Demoliram a igreja, deixando apenas o chão de cimento.

Os batistas de Vladivostok só momentaneamente se sentiram derrotados. Resolveram continuar o seu culto naquele mesmo lugar. "O terreno continua lá e é chão sagrado", disse o pastor. Colocaram-se bancos e, no domingo seguinte, a congregação se reuniu para render culto a Deus ao ar livre. E desde então continuam fazendo isso, chova ou faça sol.

Durante uma viagem que fiz recentemente do outro lado da Cortina de Ferro, tive a surpresa de descobrir que a religião não só sobreviveu a todos os esforços feitos para suprimi-la, mas também de ano para ano se torna uma força mais importante. Disse-me um líder religioso que viaja com frequência por aqueles países:

“A massa do povo nunca trocou o quente pão da crença espiritual pelas pedras frias do marxismo.”

Os comunistas salientam que as Constituições dos seus países, inclusive a da China Vermelha, “garantem” a liberdade religiosa. A Constituição da União Soviética estatui tipicamente: “A fim de assegurar a liberdade de consciência, a Igreja é separada do Estado, e a Escola, da Igreja. Reconhece-se a todos os cidadãos a liberdade de culto religioso e a liberdade de propaganda anti-religiosa.” O truque está sem dúvida no trecho grifado, que justifica quase tôdas as tentativas de tiranizar e suprimir a religião.

Em Moscou, havia antigamente 500 igrejas de tôdas as crenças; hoje em dia há menos de 50. Em Lenigrado, que tinha outrora 600 catedrais, igrejas e sinagogas, permite-se agora o funcionamento de menos de uma dúzia. Em muitos dos países cativos, a situação é semelhantemente triste. As próprias igrejas têm sido utilizadas como cinemas, museus, clubes de operários e armazéns de produtos agrícolas. Além dos pesados impostos a que as igrejas estão sujeitas, tôdas as suas finanças estão sob rigoroso contrôle do Estado.

Em fevereiro de 1956, Nikita

Khrushchev prometeu que a opressão do tempo de Stalin estava terminada. Os líderes religiosos, julgando que isso significava uma verdadeira mudança de orientação, começaram a pleitear menor contrôle estatal em relação aos assuntos religiosos. Houve um nôvo surto de interêsse pela religião e a freqüência às igrejas aumentou.

Alarmado com isso, Khrushchev anunciou em agosto de 1959 “um plano de sete anos para extinguir os vestígios da superstição religiosa”. Muitas das igrejas que restavam foram então abruptamente fechadas—2 000 igrejas cristãs, no mínimo, durante os três anos seguintes, de acordo com o Instituto de Estudo da U.R.S.S. As comunidades judaicas sofreram ainda mais. Nada menos de 300 sinagogas, dois terços do total que ainda restava, foram fechadas de 1959 a 1963. Apenas três sinagogas ainda existem em Moscou para servir ao meio milhão de judeus daquela cidade.

Houve perseguições individuais. Por exemplo, em janeiro de 1962, dois padres católicos foram condenados à prisão, depois de acusados de “especulação”. O *Pravda* acusou êsses “chantagistas de sotaina preta” de receberem donativos dos fiéis para a construção de uma nova igreja em Klaypeda. Por sua “vida parasitária” o Arcebispo Andrey, de Chernigov, foi condenado, em abril de 1962, a nove anos de prisão.

Em novembro de 1963, três missionárias protestantes na cidade de

O. K. ARMSTRONG fêz longas viagens atrás da Cortina de Ferro para documentar o material que apresentou, juntamente com Marjorie Armstrong, sua mulher, no livro que recentemente publicaram sob o título de *A Religião Pode Vencer o Comunismo*, e do qual é adaptado o presente artigo.

Namanjam foram condenados a dois anos de prisão, sob a acusação de “organizarem reuniões secretas de uma seita sem registro”. A “mais criminosa” dessas mulheres “fizera sua neta copiar e distribuir letras de cânticos de livros publicados na era czarista, bem como hinos batistas, influenciando dêsse modo o caráter e a visão do mundo da môça”.

Mas, em lugar de se deixarem atemorizar, os padres, os ministros e rabinos tornaram-se mais ousados. Quando um lugar de culto era fechado, formavam-se pelo menos duas congregações que passavam a reunir-se secretamente. As igrejas ainda abertas ficavam repletas sempre que havia alguma cerimônia.

Uma intensa campanha de propaganda contra os líderes religiosos foi dirigida por Leonid F. Ilyichev, chefe da Comissão Ideológica Soviética. Foi uma campanha páfida de calúnias e injúrias morais. Os principais crimes atribuídos aos líderes espirituais eram a imoralidade sexual, o roubo do dinheiro da igreja e apropriação indébita. Mas em meados de 1962 a onda de difamação perdeu o ímpeto. Muita gente, principalmente quem pertencia à igreja, sabia que era mentira o que diziam: isso tornava as autoridades ridículas.

O esforço de propaganda foi então modificado, passando-se a tachar a religião de instrumento e arma das nações “provocadoras de guerra” e “imperialistas”. Mas a campanha se perdeu em cômicas confusões de propaganda. Por exemplo, Alexei Adju-

bei, genro de Khrushchev, escreveu um longo artigo em *Izvestia* no qual mencionava o jornal do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, como “uma das publicações burguesas” que “alegam falsamente que a religião continua a existir na Rússia”. Mas, na mesma ocasião, um grupo de sacerdotes ortodoxos e ministros evangélicos russos fazia uma excursão pelos Estados Unidos para provar que a religião estava florescente na U.R.S.S.!

No verão de 1962, uma estação de rádio de Berlim Oriental apresentou dois programas, um dirigido para a Alemanha Oriental, o outro para a Alemanha Ocidental. O primeiro programa procurava conseguir o apoio dos religiosos da Alemanha Oriental ao regime vermelho, desenvolvendo o tema de que “o cristianismo e o socialismo são compatíveis e devem coexistir em colaboração”. Os autores dos *scripts* destinados aos ouvintes da Alemanha Ocidental verberavam os religiosos como “inimigos capitalistas do povo democrático da Alemanha”. Os textos dos programas manipulados foram reunidos num folheto que teve ampla circulação—como embaraçosa prova da duplicidade comunista.

A campanha de propaganda fracassou redondamente. Em 1964 foi abandonada sem alarde, concentrando-se os esforços num programa mais sutil de “educação científica do público”.

Os comunistas acabaram por confiar cada vez mais na intensificação da cruzada para conquistar a moci-

dade para o ateísmo. Em muitos lugares, a freqüência às igrejas é proibida a todos os menores de 18 anos. Proíbem-se escolas dominicais e aulas de catecismo, bem como acampamentos da juventude, competições esportivas ou reuniões sociais sob o patrocínio da igreja.

As festas religiosas foram abolidas ou tão deformadas que são irreconhecíveis. Muitos dias sagrados para os judeus são ostensivamente designados como dias de trabalho "voluntário" para todos os jovens. Não se permite qualquer referência ao Menino Jesus nas comemorações públicas da época do Natal. Em compensação, *Ded Moroz* (Vovô Frio) distribui presentes e faz preleções às crianças sobre o bom procedimento socialista. As cerimônias do casamento, batismo e da confirmação foram secularizadas.

Mas há fartas provas de que a cruzada para tornar ateus todos os jovens também está fracassando! *Konsomol Pravda* declarou melancolicamente em abril de 1964: "Realizaram-se em 1963 na U.R.S.S. 20 000 conferências sobre ateísmo, mas apesar disso o programa não vem sendo bem sucedido."

Monsenhor Gerhard Fittkau, de Essen-Werden, na Alemanha, que está em contato com líderes religiosos de todos os países da Europa Oriental, diz o seguinte: "Os jovens modernos e instruídos não poderão trocar as satisfações da fé religiosa pelo materialismo frio, áspero e sem esperança." A educação mais ampla

ministrada à juventude comunista provocou a exigência de maior liberdade de ler, discutir, viajar e saber. Disso decorre a exigência de novas liberdades—inclusive a liberdade religiosa.

Todos os dirigentes comunistas têm cometido o êrro colossal de presumir que a religião é simplesmente uma doutrinação obsoleta que pode ser substituída por uma doutrina contrária, que as crenças espirituais definharão e morrerão desde que se fechem igrejas e se exerça terror sobre um número suficientemente grande de sacerdotes e crentes. Jamais compreenderam que a religião tem raízes profundas na natureza humana.

Têm agora de encarar o fato indiscutível de que tôdas as igrejas sob o seu domínio têm mostrado firme tendência a crescer em número de fiéis e em prestígio. As seitas combinadas das comunidades evangélicas na U.R.S.S., que reuniam em 1960 cerca de 545 000 crentes em 5 000 congregações, registram um aumento subsequente de cerca de 10 000 fiéis por ano. As congregações na Ucrânia, na Sibéria e no Casaquistão cresceram num ritmo alarmante para as autoridades. Na Polônia, na Tchecoslováquia e na Hungria, um surto de sentimento religioso ameaça sobrepujar todos os esforços de supressão das crenças espirituais.

Disse-me um padre eslovaco: "O comunismo não pode vencer a religião. Um dia, a religião vencerá o comunismo!"